

Entrevista com Robert Hullot-Kentor

Robert Hullot-Kentor talvez seja hoje o maior estudioso de T.W. Adorno nos Estados Unidos. Traduziu para o inglês Kierkegaard, Filosofia da Nova Música, Teoria Estética e agora está acabando Dialética Negativa, em uma segunda versão que substituirá a existente, em muito falha. Recentemente editou Current of Music: Elements of a Radio Theory (Suhrkamp, 2006), o terceiro volume da primeira seção das obras póstumas de Adorno, e publicou Things Beyond Resemblance (Columbia U.P., 2006), uma coletânea de seus textos sobre o filósofo alemão. Chamá-lo de estudioso não é o mesmo que designá-lo um especialista, porque, no caso de Hullot-Kentor, o contato com o principal pensador da Escola de Frankfurt não ocasionou o estreitamento da imaginação crítica em prol de uma mera precisão filológica, mas funcionou como fermento para um pensamento progressista embrenhado no presente.

A conversa foi realizada em Nova York, nos dias 30 e 31 de março, na casa do entrevistado. Ela foi primeiramente publicada no Brooklyn Rail e permanecia até agora inédita em português.

Fabio Akcelrud Durão: Sempre achei muito interessante e provocativa a idéia de Adorno de um “contexto de desconhecimento” ou “rede de ofuscamento” – aquilo que chama de *Verblendungszusammenhang*. Poderíamos começar discutindo essa idéia, tendo em vista especialmente a relevância política concreta que ela pode ter para o presente em contextos tão diversos como os do Brasil e dos Estados Unidos?

Robert Hullot-Kentor: Concordo que as considerações de Adorno sobre a “rede de ofuscamento” são importantes. Mas não acho que iríamos muito longe com essa idéia se a colocássemos na nossa frente desse jeito. As idéias importantes não são necessariamente passíveis de ser definidas ou aplicadas; as idéias nos fazem pensar, elas contêm fenômenos dentro de si, mais do que nos permitem defini-las ou considerar sua aplicação direta. Aristóteles mostra que conceitos fundamentais como os de número, por exemplo, não estão sujeitos à definição. Nem o conceito de mimesis, nem o de cultura, nem o nexo de cegueira ou rede de ofuscamento, ou qualquer outro termo provisório com o qual tentemos dar conta desse conceito intraduzível. Era quase uma máxima para Adorno que não há nada de importante que não se dê pelo esquecimento. Vamos ver se conseguimos lidar com essa teia de desconhecimento de alguma outra forma que não a encarando de frente.

FAD: Bem, algo que sempre me intrigou, como alguém passou algum tempo nos EUA, é que no Brasil, e em geral por toda a América do Sul

e Europa, a psicanálise é bem vista e pessoas de diferentes classes sociais procuram fazer terapia. Isso parece ser diferente nos EUA, porque Freud é lido em todas as faculdades e ensinado em toda parte por professores universitários, que escrevem sobre psicanálise, mas que achariam cômica a idéia de ficar falando de si em um divã. É mais provável que estejam tomando antidepressivos, ou gastando horas nas academias de ginástica, do que cogitem se submeter por alguns minutos a um conteúdo psicanalítico. O que você teria a dizer sobre isso?

RHK: Isso que você notou sobre o lugar da psicanálise nos EUA é realmente importante. Porque o país está no limiar de uma grande homogeneização – e isso inclui os intelectuais – em sua rejeição da realidade psicológica. Praticamente ninguém mais quer saber o que se passa dentro de si. Há uma espantosa falta de confiança de que a inteligência seja capaz de entender o que se passa internamente, ou que o próprio pensamento seja apropriado para o eu. Não há praticamente nenhum reconhecimento de que nós – no sentido de humanos – sejamos realmente aquilo de que tratam os sonhos, que possamos ser auxiliados, em nossos conflitos mais profundos, por um pensamento direcionado à auto-compreensão, que é o que é a psicanálise em seu sentido mais amplo. É tudo aquilo que acontece em mais do que aquilo que é, que é o que é a psicanálise em seu sentido mais amplo. É tudo aquilo que acontece em mais do que ficar fazendo estratégias, em se colocar objetivos administrativos e correr desesperado atrás deles, trabalhando 24h ou se apressando para chegar na yoga para tentar mais uma vez fazer a posição da fênix.

FAD: Você está descrevendo uma aversão à reflexão psicológica em nível nacional.

RHK: Mesmo a palavra “angústia” já foi em grande medida afastada para a periferia da língua, de tão próxima que está desse ponto dolorido, sendo substituída pelo “stress”, esse termo tão conhecido, que vem da engenharia mecânica. Só se permite que tenha alguma finalidade psicológica aquilo que bloqueia a percepção psicológica. Isso é bem típico do que acontece com esses crachás de segurança que se usam por toda parte aqui em Nova York. Eles funcionam em rituais de segurança que são reconfortantes, mas que, como já se demonstrou várias vezes, não fornecem nenhuma proteção real contra aquilo que se teme. E enquanto não se sabe ao certo o que as drogas psicotrópicas fazem ou deixam de fazer – os dados são complexos e controversos –, o alívio que proporcionam se deve em alguma medida à forma com que colaboram com a necessidade de uma nação de se proteger contra a reflexão. O país não quer saber o que é; não agüentaria sabê-lo. E isso ajuda seus habitantes a confirmar seus próprios impulsos de desconfiança para evitar saber o que são como indivíduos, e preferir tomar remédios, freqüentemente com efeitos colaterais, a tentar passar as coisas a limpo. Uma nuvem onírica, geograficamente variada, de aparatos imaginários de segurança paira sobre uma nação que confiantemente rejeita a idéia de que os sonhos tenham significado psicológico. Isso cria uma situação na qual

as pessoas tão raramente têm a experiência de sua própria capacidade de reflexão psicológica, que faz improvável que encontrem o tipo de ajuda de que precisam. É uma tremenda pena.

FAD: Eu sei que fui eu que comecei isso com meus comentários sobre os professores universitários, os antidepressivos e a psicanálise. Mas você acha que é realmente possível falar em termos tão globais sobre uma nação? Uma população inteira pode ser caracterizada como sendo assim tão hostil à reflexão psicológica?

RHK: Não dogmaticamente. O que eu disse sobre o lugar da psicanálise nos EUA não pode ser diretamente aplicado como uma doutrina a todo e qualquer indivíduo. Mas o elemento de universalidade que se é capaz de sentir fazendo pressão sobre todos os julgamentos particulares – de forma que, ao se encontrar por acaso um daqueles funcionários de Wall Street, estreitamente pragmáticos e anti-psicológicos, na esquina de Broadway com a 57, é possível se começar a especular que há muita gente como ele na vizinhança – não é apenas uma fonte de preconceito e auto-engano. O universal, um universal histórico, é o único rastro que temos para achar a verdade e, enquanto que esse argumento universal exija uma comprovação minuciosa, obliterar esse rastro ou desdenhá-lo paralisa a mente – e essa paralisia é parte de nossa situação no presente. Na terra que ocupamos, a regra geral é a de que nada pode ser chamado pelo seu nome correto, porque até mesmo uma verdade particular parece apontar para um universal praticamente ilegal.

FAD: Então existe um caráter nacional, mesmo em um país como os EUA, no qual moram algumas centenas de milhões de habitantes, e não há como adivinhar quem será a próxima pessoa que vamos encontrar na calçada de uma cidade grande, ou de onde essa pessoa vem?

RHK: Com todas as precauções possíveis, sim, porque o que é universal, o que é geral, o que mais do que qualquer outra coisa talha o perfil do caráter nacional, e com uma vingança, é a forma particular na qual todas essas muitas pessoas estão aqui. É algo de muito decisivo e pode ser seguido até os elementos caractereológicos marcados nas pessoas aparentemente mais diversas, porque não é nada menos do que a própria forma de autopreservação, a começar com a estrutura da economia e incorporada nas estruturas mais complexas de totem e tabu. Assim, por exemplo, a disposição anti-psicológica dos norte-americanos fica clara nas visões expressas pelo atual presidente, que as pessoas dizem detestar, mas que corresponde à *Over-soul*, à Supra-álma contemporânea em sua recusa rígida, até mesmo autoritária, da percepção psicológica de qualquer natureza – sua insistência repetida em “Nada de pensamentos demorados” e “Não me analisem!”

FAD: Bush como a Supra-álma de Emerson? Você quer dizer que ele engloba muito mais do povo norte-americano do que os americanos estejam dispostos a reconhecer agora?

RHK: Por mais que ele esteja isolado, permanece como um representante, e não seria presidente se isso não fosse assim; e por mais

enfraquecido que esteja o seu governo continua mesmo assim sendo característico da nação. Se quebrássemos a cabeça para achar uma teodicéia para nos alegrarmos um pouco sobre esses oito anos terríveis, poder-se-ia dizer que o governo Bush, como um todo, tem perseverantemente fornecido uma visão mais profunda do país do que talvez jamais tenhamos tido antes. Eu definitivamente não havia visto nada desse tipo antes, e nem a maior parte do mundo.

FAD: Se for esse o caso, haverá implicações para o próximo governo, não? Se os anos Bush revelam algo da textura da nação, isso não vai se dissolver em um instante.

RHK: Exatamente. E isso precisa ser compreendido. Se você ouvir atentamente às opiniões de muitas pessoas que dizem “odiar” Bush, eles dirão, no mesmo fôlego, que o correio é uma “entidade burocrática disfuncional como o resto do governo.” Suas opiniões não diferem das dele por mais do que um fio de cabelo. Assim, enquanto podemos estar prudentemente confiantes de que Obama será eleito e esperar por um alívio considerável em certos níveis – especialmente em relação à Suprema Corte – há razão suficiente para nos preocuparmos que em breve estaremos olhando para trás, para este período, como parte de uma competição ininterrupta no espírito nacional do esquecimento. Mas para situar um ponto histórico significativo que nos permita julgar agora as intenções reais deste momento e medir a estreiteza de suas aspirações, pense nos planos econômicos centristas e tédidos do Partido Democrata, que num piscar de olhos deixaram para trás os programas sociais e a militância sindical esboçados com a candidatura de Edwards. Então é possível se dar conta de que Richard Nixon – ontologicamente um demônio – foi capaz de propor ao congresso e de lutar por uma renda mínima garantida nacionalmente! Uma renda mínima nacional para todos aqueles que se encontrassem na pobreza.

FAD: É algo difícil de se imaginar...

RHK: É algo difícil de se imaginar: Richard Nixon propondo ao Congresso aquilo que nenhum candidato Democrata ousaria sussurrar e permanecer um candidato? Nixon fazendo as aspirações atuais do Partido Democrata parecerem humilhantes?

FAD: Alguns comentaristas norte-americanos pensam que o Partido Republicano e os neo-conservadores serão dizimados nas próximas eleições. Quais as suas expectativas?

RHK: Como disse, espero, como quase todos, que os Republicanos amargarão uma ampla derrota. Mas vale a pena lembrar que quando a direita desapareceu depois do julgamento de John Scopes¹, que contestava o ensino de Darwin nas escolas sulinas nos anos 1920, os evangélicos humilhados desapareceram da cena pública nacional. Mas a humilhação é um sentimento complexo. Em seu limite, pode representar uma catástrofe psicológica desintegradora. Mas também pode ser um impulso tremendamente mobilizador, até mesmo simultaneamente, e a direita evangélica logo começou a organizar seu

¹ Importante caso judicial nos EUA, em 1925. O estado do Tennessee havia proibido o ensino da teoria da evolução e John Scopes, um professor de biologia, desafiou a lei do estado.

mal-estar privadamente, ao construir os grupo de instituições de longo alcance, as faculdades e os *think tanks* que se tornaram as bases do período de Reagan a Bush. Essas organizações não desaparecerão no ano que vem. Nos tempos mais do que difíceis que vivemos nos EUA e globalmente, a direita continuará a armazenar a sua energia, como Proteu, da raiva destrutiva que a nação produz em excedentes consideráveis. Humilhação, ira e culpa: essas são as realidades ocultas que os filhos do sofrimento de qualquer nação, os inevitáveis Limbaughs e Coulters,² manipulam com uma mestria instintiva. Uma crítica social que se alimente da psicanálise precisa entender isso, na plausível expectativa daquilo que poderá vir depois das eleições de novembro.

FAD: Voltamos subitamente à questão da psicanálise. Posso provocá-lo um pouco em relação a isso? Porque não é o caso que apenas os norte-americanos não vejam a psicanálise com os melhores olhos. Em seu recente livro, *Things Beyond Resemblance*, você mesmo menciona que a relação de Adorno para com a psicanálise era complexa e em parte substancialmente crítica.

RHK: A filosofia de Adorno é, por um lado, impensável sem seu elemento psicanalítico; quando vivia nos EUA, ele trabalhou como pesquisador em psicanálise. *A Personalidade Autoritária* é um estudo psicanalítico e seus escritos estão repletos de observações psicanalíticas agudas. Muito da *Teoria Estética* baseia-se em um conceito psicanalítico de eu; porém, por outro lado, essa estética em última instância rejeita veementemente qualquer tipo de reflexão psicanalítica da arte. E se você ler a coleção de narrativas de sonhos recentemente publicada, os *Traumprotokolle*, você verá que não há interpretação psicológica alguma desses sonhos. E ele certamente tinha reservas consideráveis a respeito do tratamento psicanalítico. Sem ter tido nenhuma experiência de primeira mão do tratamento, o via como um último fosso de punição para as pessoas com distúrbios sérios, e quando lhe pediam conselhos sobre se seria necessário que fizessem análise, ele dissuadia-os ativamente, dizendo que apenas os faria mais normais ainda e socialmente mais cooptados do que já estavam.

FAD: Como isso se encaixa no seu pensamento?

RHK: Não tendo conhecimento direto do tratamento, Adorno concebia o conteúdo da prática psicanalítica com base nos aspectos gerais de seu próprio pensamento. E da perspectiva da estrutura da sua filosofia, ele defendia que qualquer dimensão psicanalítica do eu é uma distorção burguesa que um mundo melhor deveria deixar para trás. Ele deve ter pensado que o tratamento psicanalítico apenas expandia a dimensão da pessoa. E ele tinha a dizer a respeito coisas muito contraditórias. Uma explicação completa disso é algo grande demais para desenvolver aqui, mas parte disso está relacionado com a forma com que herdou a posição anti-psicológica do idealismo. Para dizer muito brevemente, o idealismo – aquele de Hegel – é, de toda a filosofia, o que é mais densamente permeado de realidade histórica. Ele chegou a isso ao querer recuperar para a mente seu lugar, em oposição à ascensão

² Rush Limbaugh e Ann Coulter, comentaristas de extrema direita.

do universo mecânico, por meio de uma realocação de toda a objetividade do universo no sujeito. Nenhuma agulha poderia ser deixada de fora que ameaçasse estourar a bolha. O idealismo encarregou-se de internalizar o universo histórico como um todo, deduzindo as categorias do sujeito e do objeto. Fez a si próprio como uma banda de Moebius, cuja virada tem como segredo o fato de que, paradoxalmente, procura o primado do objeto como aquele da soberania do sujeito; ao se entregar inteiramente ao objeto, o sujeito redescobre continuamente sua própria verdade. Nesse desenvolvimento, o idealismo encheu o sujeito com o objeto de uma forma tal, que não deixou nenhum resto plausível ao indivíduo como um sujeito psicológico individual, uma camada da realidade que corresponderia a bem mais do que uma agulha. A conquista espantosa da soberania do sujeito no idealismo, em outras palavras, é obtida ao preço do próprio sujeito, que ao mesmo tempo vê-se desprovido de seu objeto.

FAD: Adorno compreendia essa dinâmica do idealismo.

RHK: Sim, de fato; essa era a sua idéia. E ele estendeu essa crítica a Husserl e Heidegger. E nos termos mais amplos possíveis, via essa dinâmica de uma soberania auto-enfraquecedora como o modelo da atividade social do capitalismo. O desenvolvimento desta soberania é a construção da rede de ilusão à qual você aludia no começo da nossa discussão. Ao dominar o mundo, o eu progressivamente esvazia-se de si mesmo e de seu próprio objeto. Tudo que em última instância consegue aproveitar é uma fascinação com as técnicas de dominação, que fornecem uma sensação alucinadora de soberania mais do que qualquer controle real. É um mundo de pessoas administrativas mandando dezenas de mensagens eletrônicas para se encontrar para jantar, com seis meses de antecedência, e que não têm nada a fazer uns com os outros ao vivo, quando finalmente se encontram, senão checar mais mensagens. E é não menos uma sociedade na qual a enchente bate nos diques do rio Mississipi sem que ela seja capaz de perceber o que está acontecendo. Esta é a rede de engano e é palpável em nossa inabilidade, agora, neste momento, de saber aquilo que sabemos muito bem.

FAD: Há muito o que falar aqui, mas em termos da nossa conversa até agora, o que isso tem a ver com a psicanálise e Adorno?

RHK: Se, ao dominar o mundo, o eu – a sociedade como um todo – produz a teia de ilusão que progressivamente se distancia da realidade, então a questão filosófica e social torna-se como fazer para que a realidade arrombe a mente que a domina. Adorno não achava que quebrar a janela do Departamento de Estado com uma pedra, por exemplo, iria resolver o problema. A mente não ganharia em nada ao abrir mão de si e de sua própria capacidade de autonomia. O pensamento que estamos esboçando agora, neste momento, em grande medida organizando conceitos, deve de alguma maneira também ser uma capacidade de emancipação. Adorno especulava que a própria autonomia – a soberania – possui a chave para romper as amarras de sua própria teia de engano, e a sua teoria sobre isso é o que ele

concebia como sendo a dialética negativa. É um pensamento extremamente frutífero. Adorno não joga fora a lógica do idealismo de Hegel; ele procura dar uma segunda volta à banda de Moebius, que faça com que o sortilégio se rompa. Então, aqui está a resposta à sua pergunta sobre Adorno e a psicanálise: perseguindo uma lógica idealista, Adorno consegue ver como o eu é incapacitado pela estrutura social, mas não pode – não mais que Hegel podia – compreender a própria vida psíquica, não sem abandonar aquilo que faz sua crítica social tão profunda. É dessa maneira que Adorno herdou a crítica idealista da realidade psicológica, e isso explica porque tantos leitores de sua obra com razão acham-na ao mesmo tempo verdadeira e exagerada em suas sentenças. A complexidade terrível da filosofia de Adorno tem ao menos em parte, e apesar de si própria, como recíproca um importante grau de simplificação psicológica.

FAD: Isso é um pouco demais para uma entrevista, não?

RHK: Sem dúvida, com toda razão.

FAD: Acabamos falando sobre Adorno e a psicanálise. E como você expandiu bastante as coisas, que tal se o fizéssemos mais ainda, inserindo nossa discussão em um contexto ainda mais amplo: como você situaria essa filosofia na história do pensamento?

RHK: Esquemáticamente, a conquista filosófica de Adorno é o desenvolvimento de uma teoria não representacional da verdade histórica. Há várias tentativas nesta direção no século XX, por exemplo, o pragmatismo, mas o que distingue o esforço de Adorno mais do que qualquer outra coisa é que ele não quer cortar o nó górdio da teoria da representação rompendo a mimesis. Para Adorno, a semelhança da verdade a seu objeto não é um acidente, mas também não é uma imagem do seu objeto. Essa teoria, como uma estética, acima de tudo como uma filosofia da música, é uma teoria não-representativa da representação que a emergência da arte não-objetiva do século XX exigia. Mas para situar historicamente a tentativa de Adorno para conceber esta nova teoria da verdade em seu contexto mais amplo é necessário que se veja que ela representa a resposta mais importante do idealismo a Darwin.

FAD: Idealismo e Darwin?

RHK: Sim, embora Adorno certamente nunca tenha pensado sobre sua obra nestes termos tão em bloco como os estou expondo, como um tipo de competição entre o idealismo e Darwin. Mas você pode seguir essa problemática, por mais que esteja distante da superfície da filosofia que a alimenta, em cada página que Adorno escreveu, chegando mesmo até a estrutura do seu estilo, e isso ajuda a fazer sentido das coisas. É como se – como se – Adorno se perguntasse: o que o idealismo precisaria para compreender a crítica darwinista? Como aquilo que mereceria ser resgatado no idealismo poderia ser concebido depois de cruzar Darwin e chegar do outro lado?

FAD: Mas não me lembro de Adorno ter jamais discutido Darwin.

RHK: Realmente, que eu me lembre agora, não há nenhuma discussão extensa de Darwin em sua obra.

FAD: Então, o que o faz pensar que Darwin seja um ponto de conflito tão central?

RHK: O motivo central da filosofia de Adorno é como a vida poderia ser mais do que a luta pela autopreservação. Essa é a fonte do seu pensamento em termos do lugar em que mais quer chegar. Isso é o que, necessariamente mais do que qualquer outra coisa, o faz confrontar-se como Darwin, já que na história do pensamento moderno foi Darwin que mais formidavelmente estabeleceu o *sese conservare* como um *nec plus ultra*. Se Darwin foi uma pedra no sapato dos evangélicos norte-americanos – e continuará a sê-lo – na história da filosofia alemã suas descobertas em algumas décadas destruíram o idealismo e sua filosofia da natureza, que era o pivô do esforço de se opor ao universo mecânico. De novo, há muito que dizer aqui, mas os contornos do problema são bem diretos se lidarmos com o idealismo formulando o problema em termos do custo teológico cobrado por Darwin: na visão cristã, que inclui o conceito trino de Hegel, aquilo que é o mais elevado torna-se o mais baixo para que o mais baixo possa retornar àquilo que implicitamente sempre foi, ou seja, o mais elevado. Darwin vai intransigentemente contra este pensamento, porque na teoria da seleção natural o mais baixo, a célula, torna-se o organismo mais complexo. Mas esse organismo o mais elevado continua sendo a todo o momento o que sempre foi, o primitivo. Aqui, onde pode se ver que o baixo transforma-se no elevado, apenas para permanecer o baixo, acontece uma rachadura que permite surgir a idéia fundamental a partir da qual todo o pensamento e arte modernos se desenvolveram: o reconhecimento do conteúdo primitivo de toda a realidade, incluindo a sociedade humana como um todo.

FAD: Em outras palavras, para Darwin não há uma saída para fora do primitivo, assim como não há para a auto-preservação? A luta pela dominação seria o limite absoluto da história como história natural.

RHK: Sim. E o pensamento de Adorno é tão interessante porque vai em uma terceira direção – uma que, até a construção da sua obra, permanecera uma corrente de pensamento pouco desenvolvida do romantismo – que não é de forma alguma indiferente às outras duas que mencionei: Adorno não questiona a teoria da seleção natural, ou nosso primitivismo essencial. Mas ele também pensa que há potencialmente mais nessa situação, algo esperando para ser visto, entremetido na capacidade para dominação, na medida em que também é a capacidade para a crítica emancipadora. Esse é o conceito de verdade, e há uma reflexão teológica nele. E é nesses termos, por exemplo, que Adorno abordaria a questão do caráter nacional que discutimos antes. A solução não é argumentar que há uma grande diversidade de pessoas em cada quarteirão; a solução seria resolver o problema das nações como instrumentos de sobrevivência do mais forte; então, como indivíduos, poderíamos ser algo de diferente dos estereótipos de nossas origens nacionais – uma idéia que seria realizada em algo

bem diferente da assustadora noção de cidadania mundial como um grupo de escoteiros. Da mesma forma, as caricaturas de Bush como um macaco de baixo QI teriam que contribuir para o reconhecimento do primitivismo no presente momento da totalidade social, como uma carnificina cotidiana, ao invés de funcionar como aliados furtivos de Bush em seu desdém sobre o que realmente somos, por meio de cuja compreensão seríamos mais do que isso. Essas imagens representam a quintessência do nosso momento: a repressão da percepção do primitivo na qual se originou o modernismo radical, e, mais urgentemente, isso nos cegou para a natureza crescentemente primitiva da realidade que agora habitamos.³

FAD: O problema que Darwin coloca, então, para Adorno é o que a história poderia ser que não uma história de dominação. A forma de crítica que ele desenvolveu de alguma maneira parte da crítica do universo mecânico. É por isso então que o pensamento de Adorno volta-se tantas vezes para o famoso ensaio de Benjamin da “Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”? Mas Marx também era um crítico da vida como autopreservação. E ele faz parte do pensamento de Adorno como Hegel. É possível tocar nisso, considerando por que os alunos revolucionários de 68 estavam tão atraídos por Adorno e depois tão decepcionados com ele?

RHK: A sua suposição de por que o ensaio de Benjamin é tão importante para Adorno está correta. E, em relação a Marx, o marxismo é o único movimento de massa da história da filosofia, a única filosofia à qual você pode se juntar, com a qual você pode marchar, fazer um grupo e pela qual se pode morrer, como já foi feito por um número extraordinário de pessoas. O próprio Adorno se colocava dentro da tradição marxista de uma maneira tão rica, que não é possível descrever satisfatoriamente aqui. Ele concordava completamente com Marx que a sociedade constitui-se por meio da exploração de um grupo do trabalho da maioria, e que qualquer transformação substantiva da sociedade exigiria que se abolisse isso. Ele compartilhava com Marx a concepção da história como dominação da natureza, a crítica da sociedade como uma segunda natureza e o telos da transformação social como o problema da superação da vida como auto-preservação. Mas Marx e Adorno fariam um sentido diferente de tal telos, e em muitos casos a diferença entre eles poderia ser resumida em termos de duas posições em última instância opostas em relação a Darwin. Marx queria dedicar um volume de *O Capital* a Darwin, enquanto que nem mesmo uma página dos volumosos escritos de Adorno teria sequer cogitado algo do gênero. Adorno estava na verdade avaliando o darwinismo de Marx quando criticou o prometeísmo de sua visão do trabalho e a intenção desenfreada de transformar o mundo em uma oficina. Mas qualquer que seja o escopo das alianças e desacordos entre Adorno e Marx, os estudantes marxistas de 1968 tiveram a plausível idéia de que estavam se agrupando em torno de um filósofo marxista extraordinário e carismático. Os auditórios lotavam e transbordavam. No entanto, o que queriam de Adorno eram palavras de

³ Cf. Robert Hullot-Kentor. “Em que sentido exatamente a indústria cultural não mais existe” in F.A. Durão, A.A.S. Zuin & A.Vaz (orgs.). *A Indústria Cultural Hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ordem que levassem a multidão a marchar para as barricadas. O que receberam, ao invés, foram palestras que acabaram sendo intoleravelmente produtivas, de uma forma consideravelmente diferente.

FAD: Intoleravelmente produtivas?

RHK: Sim, o conteúdo da filosofia de Adorno é um grau de discernimento que beira o intoleravelmente produtivo. Intolerável, porque aquilo que tem que ser chamado o anseio que a sua obra expressa vai tão frontalmente contra os limites de nossa circunstância. Essa é a sua produtividade; a forma com que a negatividade de sua perspectiva refrata um “se ao menos fosse assim.” Esse é o aspecto vulnerável, a ferida aberta, dos escritos de Adorno, que pode fazer surgir a intolerância intransigente em seus leitores, e que certamente incentivou o sadismo em seus alunos. Adorno achou uma maneira, em sua dialética negativa, de tornar essa ânsia na história convincente em sua natureza cognitiva. Na *Dialética do Esclarecimento* ele escreve que o problema não é voltar ao passado, mas recuperar suas esperanças. Acho que ele conseguiu fazer isso.

FAD: Em outras palavras, os estudantes confundiram um *cri de coeur* por um *aux armes*? E ficaram furiosos quando se deram conta disso?

RHK: Você está colocando algo de seu aí, mas o ponto é esse mesmo.

FAD: Isso em alguma medida faz de Adorno o filósofo mais adequado para a derrota do socialismo – uma derrota que está sendo mais reconhecida agora do que antes? No Brasil, o horizonte de verdadeira transformação social foi consideravelmente reduzido recentemente. Talvez essa tenha sido a maior lição do governo Lula para a esquerda. A situação não é parecida nos EUA?

RHK: Você está praticamente citando a primeira frase da *Dialética Negativa* – que a filosofia continua a viver porque o momento de sua realização foi perdido. É assim que Adorno compreendia a relação de sua obra com a possível história do socialismo. Essa relação com uma história possível ficou ainda mais aguda nas décadas que se seguiram à morte de Adorno. Afinal de contas, a aspiração econômica mais profunda do capitalismo foi cumprida. Com a destruição do meio ambiente, o capitalismo resolveu, de uma vez por todas, o problema da superprodução. Desde a segunda metade do século XIX existe a possibilidade, em princípio, de alimentar cada pessoa na Terra; até há bem pouco tempo a questão toda se relacionava às relações de produção agrícolas, às quais se atribuíam a fome e a desnutrição. Esse não é mais o caso. Não é bom se desesperar, mas qualquer estimativa sóbria, hoje, mostra que habitamos um mundo faminto em grande escala. Todos esses volumes sobre um capitalismo “pós-escassez”, os volumes sobre a “transição para o socialismo”, a produção de necessidades que vão além da autopreservação, e assim além daquilo que temos à disposição: isso já pode ter acabado. A natureza como cornucópia é a fonte do socialismo, assim como de todas as imagens relacionadas a ele que alimentavam uma visão de utopia: isso pode ter acabado agora.

FAD: “Ter acabado”?

RHK: O renomado cientista ambiental inglês James Lovelock publicou no *Guardian Weekly* de 28 de março suas estimativas de que, por volta de 2020, um clima catastrófico será a norma, em 2040, boa parte da Europa terá se tornado um Saara, e em 2100 80% da vida terá desaparecido. 80% da população mundial seriam algo como 5.7 bilhões de pessoas. Se comparações fazem algum sentido aqui, Hobsbawm calculou que o dano humano de guerras, marchas forçadas e genocídios do século XX foi de 186.000.000; vamos fazer 186,000,012, para dar um lugar miserável para nós nestes números.

FAD: Isso é algo mais do que a derrota do socialismo.

RHK: Sim.

FAD: Mas os pensamentos apocalípticos não foram desmentidos pelo passar dos séculos?

RHK: De novo, sim. Mas não há nada de apocalíptico nisso. O mundo não vai acabar; de jeito nenhum. Podemos esperar mais do mesmo à enésima potência, sem dúvida com um pequeno grupo de pessoas no topo (os de sempre) se dando muito bem. Estamos no limiar da transformação mais fundamental da vida já registrada na história humana.

FAD: Mudando de direção aqui, de novo, eu estava esperando por um momento para perguntar-lhe sobre uma idéia em *Things Beyond Resemblance* quando você escreve que “se Adorno estava insatisfeito com toda a arte existente, era porque procurava encontrar **aquela** obra de arte, a que seria **a** obra de arte.” Isso vai contra todos aqueles discursos da abundância – diferença, polifonia, multiplicidade, hibridismo etc. – que são tão presentes tanto no Brasil quanto nos EUA, e que mereciam de alguma maneira ser questionados, você não acha?

RHK: Se você já esteve em uma sala com um quadro do Francis Bacon pendurado perto de outra obra – um grande erro – a única vantagem disso é sentir como ele parece comer as outras pinturas da parede. O próprio Bacon disse que sempre quis pintar aquela imagem única que faria todas as outras supérfluas. Ele não estava brincando. Há um elemento bárbaro nesse ímpeto de fazer a primeira e única obra de arte, que implica ser o primeiro e único artista. Esse impulso se opõe agora àquilo que chamaria de gratuidade plural contemporânea; com isso, me refiro não apenas à sua lista de polifonia e hibridismo, mas especialmente à insistência em “movimentos” operários, ao invés movimento operário, em “músicas” ao invés de música, ou em uma quantidade inumerável de obras de arte, ao invés da única obra de arte. Porém, apesar de si mesmo, o plural gratuito pode não ser o gesto que faz com que o lobo se deite com os carneiros nos campos. Ele não é capaz de ser mais astucioso do que o conceito subordinador, mas desloca-o para o lado do sujeito de uma maneira que ele não mais pode ser considerado, como um tabu. A unidade, por exemplo, das “músicas” reside implicitamente em um universal

suprimido, a única, a escondida “música” como uma categoria mental pairando acima de tudo o mais; furtiva e paradoxalmente, o conceito de “músicas” dá início à longa regressão da pesquisa pela realidade da mente. Como tal, ele exclui qualquer reflexão adequada sobre antagonismo real do um e do múltiplo. No lugar do amor próprio semi-carnibal de Bacon, exala uma quietude burocrática sobre a tentativa de se compreender um estado vigente de guerra, que dirá entender porque tanto da média das bienais de Whitney não é senão um lixo viciante.

FAD: Mas o que você está chamando de plural gratuito é o que outras pessoas caracterizariam como a conquista da igualdade.

RHK: Pelo contrário, o plural gratuito é ele mesmo uma função aumentada de algo que não foi resolvido. É a expressão de uma igualdade baseada em uma falta de objeto que é imposta. Como tal, a igualdade não serve à justiça [*fairness*]. Se isso soa um pouco como Rawls, que soe. O conceito de justiça de Rawls poderia ser retirado de sua ficção científica rasteira de uma “posição original” ao ser relacionado à idéia de Adorno a respeito da primazia do objeto. A equidade só pode ser concebida com a primazia do objeto liberado da auto-preservação. Pois quando a igualdade não é uma técnica da justiça, mas, ao invés, um objetivo em si mesmo, ela converte-se na dinâmica da sociedade concebida como um “contexto de culpa dos seres viventes” – a frase com a qual Benjamin encapsulou a quintessência do mundo mítico. A igualdade sem objeto é o mecanismo interno de perpetuação da condição culposa do plural gratuito. Diga-se de passagem – mas algo que é importante para nossa conversa como um todo –, a rede de desconhecimento de Adorno é uma outra formulação do contexto de culpa dos viventes de Benjamin. O conceito desenvolve outros aspectos desse contexto.

FAD: Entendo seu ponto, mas muito do que você está dizendo não é uma crítica requentada do liberalismo? E não estávamos falando sobre a arte?

RHK: Você tem razão. Mas não estou querendo dizer que eu tenha algo de novo a dizer senão tentar mais uma vez resolver uma velha questão usando suas próprias peças. O que mais seria o novo, para o lugar no qual nos encontramos, senão a solução do velho? E não perdi de vista que estávamos falando de arte: o plural gratuito é o “muitos” separado do “um”, o um que seria a equidade ela mesma, a verdade, se o mundo estivesse reconciliado consigo próprio. Quando a arte é arte, e mesmo quando não o é, mas somente os semi-pensamentos de crianças de seis anos fazendo suportes para guardanapos, ou vasilhos de argila, é a intenção inconsolável da obra de arte única e singular, que faz cada obra de arte uma inimiga mortal de cada uma outra. O um e único reconciliado seria, realmente, um princípio de emancipação. Na arte como arte, isso é o que significa o conceito de forma. Se isso alguma vez já foi atingido, não foi jogando beijos; se é necessário um narcisismo sem limite para forjá-la, esse é o único caminho de que dispomos para fazer algo que seja mais do que *amour propre*, mais

do que qualquer um poderia possivelmente fazer. A história da arte é a história de técnicas do inexequível. As musas costumavam ajudar, mas mesmo então, como agora – quando somos obrigados a procurar o inexequível quase sempre naquilo que podemos destruir –, em grande medida tivemos que fingi-lo. Para Adorno, a “nova música” significava uma arte que não mais teria que fingir. A intensidade de sua estética – a razão pela qual não estava satisfeito com aquilo que a arte até então conseguira fazer – é que ele não queria abrir mão da intenção do que é veridicamente inexequível. Sem dúvida, ele queria habitar esse lugar. Certa vez teve um sonho no qual sua tia dizia, mais ou menos: “Não fique bravo comigo, minha criança, mas eu pudesse ter meus próprios dois vales genuínos eu os trocava por toda a música de Schubert.”

FAD: O que é a arte, afinal de contas?

RHK: Arte é um ataque de cólera portátil [*portable temper tantrum*] e talvez alguma coisa mais que isso. E se for algo mais que isso, corresponderia àquilo que enfaticamente é mais do que o mero *sese conservare*.

FAD: Parece que você tem alguma coisa mais a dizer.

RHK: Sim, obrigado. Quando pensamos na pesquisa de James Lovelock, o sonho de Adorno converte-se em um termômetro de nosso momento e expressa o problema da arte hoje.

FAD: Acabamos não indo muito longe na discussão da “teia de desconhecimento”, não é?

RHK: Para falar a verdade, não. Passamos nosso tempo ocupados em achar uma forma de rompê-la.

Traduzido por Fabio Akcelrud Durão